

APRESENTAÇÃO

Tânia Mara Campos de Almeida¹

Uma das vivências mais ricas no dia-a-dia de uma universidade é o momento que estudantes e pesquisadoras/es, movidas/os pelo interesse comum em conhecer e refletir sobre um tema, decidem se reunir espontânea e regularmente, sem preocupações burocráticas com produtividade, com as normas institucionais para atividades formais ou com a verticalização das posições hierárquicas. A mobilização geral é eficiente: um local físico e acessível é identificado, dias e horários são acordados, bem como referências bibliográficas e outros materiais são buscados e disponibilizados para subsidiar os encontros. Pouco a pouco, um grupo vai se constituindo e ganhando espaço, especialmente quando esse grupo também possui afinidades existenciais e começa a desenvolver vínculos de apoio mútuo e afeto entre suas/seus integrantes. Os projetos que o norteiam tomam corpo e se consolidam rapidamente pelo sentido que lhes fazem individual e coletivamente e, por conseguinte, pelo estímulo que apresentam entre si na sua dedicação e realização cotidianas.

Ver o Calundu – Grupo de Estudos sobre Religiões Afro-Brasileiras – dar seus primeiros passos tem sido, para mim, um desses momentos preciosos da vida acadêmica, de grande satisfação e aprendizado. As reuniões, os debates, as discussões de textos, obras e filmes, as trocas de mensagens.... Enfim, o grupo nasce de um agitado fluxo de decisões e ações compartilhadas no primeiro semestre de 2016. Algumas pessoas já se conheciam, tinham sido colegas de cursos; outras pessoas foram apresentadas por terceiras/os às/aos fundadoras/es. Todos/as são vinculados/as à Universidade de Brasília (UnB), em diferentes graus de formação, oriundos/as de distintas áreas de conhecimento e inserções na instituição. Outro vínculo entre elas é o fato de terem circulação em comunidades religiosas afro-brasileiras, quer seja de pertencimento iniciático e familiar quer seja de simples público assistente dos rituais.

Calundu, portanto, é a nomeação auto atribuída ao grupo. Em uma homenagem aos cultos religiosos de referência africana no período Colonial brasileiro, o grupo se constituiu e vem se consolidando em movimentações que reeditam e atualizam traços desse passado. Ou seja, a junção de uma rede de pessoas com notáveis saberes

¹ Professora Adjunta III do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília (UnB).

intelectuais, dedicação aos estudos e forte comprometimento com suas crenças e origens religiosas, socioeconômicas e raciais emerge como possibilidade de transformação construtiva do ambiente acadêmico, que se declara democrático nos princípios da inclusão meritocrática das/os aspirantes por formação superior de ensino, mas altamente excludente nas atitudes e representações que dizem respeito às mulheres, aos negros, aos indígenas e às camadas economicamente desfavorecidas da população, bem como aos modos de entendimento e vivência que não sejam padronizados pela racionalidade dita moderna.

Desdizendo a noção do senso comum a respeito do significado da palavra calundu, que seria tristeza, cansaço e mal humor sem motivo aparente, o grupo a relança com nova semântica, apoiada justamente em recentes registros histórico-antropológicos sobre os primeiros Calundus. Estes, marcados pela resistência à escravização, pela troca intensa de informações e sabedorias entre os grupos africanos para este chão trazidos e, também pela troca com os ameríndios, igualmente desrespeitados e oprimidos pelo colonizador. Palavra que aponta, assim, para lado antagônico daquele do senso comum, ou seja, indica superação de tamanha adversidade e de inúmeros sofrimentos decorrentes do processo de colonização. Aponta para a alegria do verdadeiro encontro humano, capaz de recriar a humanidade em meio aos horrores e perversidades em um tempo de longa duração, o qual se estende até hoje pelo processo de colonialidade ainda em curso. Calundu é sobrevivência subterrânea e intencional da trajetória de pessoas potentes, lutadoras e dignas, que se uniram e se fizeram existir nos meandros dos discursos oficiais e das narrativas que tentaram apaga-las da memória coletiva e dos legítimos fios da história desejada, empreendida e vivida.

Em consonância com essa acepção, o Calundu esteve à frente do Encontro Afrorreligiosos, inserido na programação da Semana Universitária da UnB, em outubro de 2016. Foram realizadas duas mesas de debate: uma sobre solidariedade e religião afro-brasileira e outra sobre intolerância religiosa no Brasil, com a participação, na condição de expositoras/es, de acadêmicas/os e lideranças religiosas, sendo estas mães e pais de santo do Distrito Federal. O profícuo diálogo entre as/os expositoras/es e, destas/es, com as pessoas que lotaram o auditório do Instituto de Ciências Sociais (ICS) mostrou a importância de seguirmos discutindo e aprofundando os apontamentos levantados a partir da pluralidade de vozes aí presentes. A diversidade epistêmica entre os pontos de vista, ao apresentarem e analisarem os temas propostos, foi extremamente gratificante, em particular por oxigenar a expressão monolíngue da ciência, trazer-lhe maior densidade e

enraizamento em experiências da nossa complexa realidade social. O monopólio da linguagem dita exclusivamente objetiva, neutra e fragmentada do ambiente acadêmico, que muitas vezes cai no fundamentalismo inóspito e que se pretende moralmente superior às demais linguagens, foi desestabilizado e ampliado com perspectivas mais integradas, respeitosas às diferenças e situadas em práticas e elaborações de mundo que perpassam outras matrizes conceituais e interpretativas.

Concomitantemente à organização desse Encontro, que demandou claramente continuidade de seus resultados, desenhava-se a ideia de sistematização e divulgação dos estudos desenvolvidos nas reuniões regulares do grupo e das pesquisas sobre as religiões afro-brasileiras, com a perspectiva de abertura para o desenvolvimento do caráter extensionista de interação entre a UnB, comunidades afrorreligiosas e a sociedade em geral. A criação de uma revista eletrônica, de cunho acadêmico e publicação semestral, então, mostrou-se como possibilidade de verter e fazer circular pensamentos, saberes, pessoas e redes de contatos por meio de suas páginas. A ideia cresceu e eis a aqui: a Revista Calundu!

Carinhosa e generosamente, o grupo, que é autônomo, coletivista e vem exercendo o protagonismo em todo esse processo, me convidou para apresentá-la em seu número inaugural. Tarefa difícil e desafiante, que a tomo no sentido maussiano da dádiva, com grande honra e afeto. Embora não tenha uma participação direta nas atividades rotineiras do grupo, tenho estado por perto, apoiando, dispondo-me a ser um canal de comunicação com a instituição e interessando-me por suas movimentações e, principalmente, pelas pessoas e seus envolvimento nelas. Neste momento, não me vejo exatamente uma integrante do grupo, *stricto sensu*. Por isso, diante do gesto acolhedor do grupo que me remete ao viés característico da inclusão da diferença das religiões afro-brasileiras, aprendo uma vez mais sobre o lugar central que a diversidade aí possui e o sentimento propulsor de agregação e empatia frente à alteridade presente na sua perspectiva ética.

“Gira Epistemológica” é o lindo e sugestivo título deste primeiro número do periódico, que também carrega em si outro ensinamento. Inspirado nos cultos afro-brasileiros, que recebem o nome de “gira” e proporcionam um deslocamento dos papéis, das identidades sociais e das marcas comportamentais habituais dos/as médiuns, este conjunto de textos promove um outro estado de reflexão e entendimento sobre o tema pilar da revista. O título chega a ser poético ao fazer referência ao ambiente psíquico-social-religioso-físico que se revela em uma gira quando há a passagem, o transe e a incorporação ritual de entidades transcendentais, que oferecem novos prismas para

aflições mundanas, novas corporalidades, novas sensibilidades, novas temporalidades, novas geografias e novas humanidades, retirando as pessoas da restrição cotidiana e objetificante que as diversas opressões macro e micro estruturais nos impõem. Ao trazer essa referência religiosa ao campo acadêmico, nos deparamos então com a possibilidade de um mergulho em novas formas de conhecimento do mundo, trazendo-nos um alento e uma grito de resistência à formatação hegemônica e reducionista da ciência colonizadora de mentes, corações, tempos, lugares e corpos a que estamos historicamente submetidas/os.

Composta por duas seções, uma dedicada a artigos acadêmicos e outra composta por textos livres, “Gira Epistemológica” revela pelo intermédio desse material e dos seus/suas respectivos/as autores/as o próprio grupo Calundu, uma vez que a grande maioria das assinaturas é de seus/suas integrantes. A ordem dos sete artigos e a seção final, dos textos livres, segue um paralelo com acontecimentos e elementos dos cultos e do mundo afrorreligioso, a qual foi traduzida em suas sutilezas e particularidades por um dos seus organizadores, Guilherme Dantas Nogueira, e retomada a seguir por mim nas frases entre aspas.

O artigo *DE VODUM À CABOCLO: TRAJETÓRIA DE LEGBÁ NO TERREIRO DE TAMBOR DE MINA E TERCÊ* “abre a Gira com Legba, o primeiro a ser saudado e quem nos permite falar”. Para tratar as especificidades do Vodum Legbá, de culto jeje no Maranhão, e de suas semelhanças com o Caboclo Légua Boji Bua, existente nos terreiros de Terecô (Codó – MA), Luís Augusto Ferreira Saraiva empreende reconstrução histórica da Casa das Minas e da forte influência de entidades singulares no Terecô.

Na sequência da Gira, emerge o “sincretismo, elemento formador das religiões afro-brasileiras hodiernas”, nas reflexões de Wanderson Flor do Nascimento: *OLHARES SOBRE OS CANDOMBLÉS NA ENCRUZILHADA: SINCRETISMO, PUREZA E FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE*. Seu objetivo é levantar interconexões da crítica ao sincretismo, iniciada por lideranças do Candomblé no final do século XX, com discursos acadêmicos e religiosos sobre a pureza e o fortalecimento dos candomblés. Além disso, o autor estabelece a distinção entre um sincretismo *estratégico* e um sincretismo *interno*, que dê margem para a crítica ao sincretismo e a busca por identidade por meio de um retorno à África.

O terceiro artigo, *FAXINANDO COM A VODUNSI*, de Guilherme Dantas Nogueira, “dá passagem para as mães dos terreiros, as grandes líderes de todo o processo” afrorreligioso e dos seus cultos. Através de uma faxina na casa do autor, pensamentos e

sentimentos a respeito da autoridade de uma mãe candomblecista angoleira o levam a analisar, em perspectiva teórica decolonial e da sua própria condição de ogan, dinâmicas dessa destacada interação social e religiosa.

A Gira continua a rodar, “dando a palavra ao povo preto e de santo, que povoa as comunidades de terreiro”. *CAMINHO DAS ÁGUAS: CONFLUÊNCIAS ENTRE LITERATURA E RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS*, escrito por Adélia Mathias, mostra interconexões entre religião e literatura afro-brasileiras por meio da apresentação e análise de dois contos dos “Cadernos Negros”. A autora mostra ainda uma literatura distante do sistema eurocentrado de produção e recepção literária.

APONTAMENTOS SOBRE O CAMPO DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS E SEUS AUTORES REVISITADOS, assinado por Gerlaine Martini, é o quinto artigo, o qual “permite a entrada na Gira aos/às pesquisadores/as, sempre balizados/as por seus/suas informantes”. Trata-se de revisão e análise sobre autores e autoras pioneiros/as em participações nos rituais afro-brasileiros, como isso interferiu em seus estudos e como a visão das pessoas religiosas colaborou para a o recorte de pesquisas e perspectivas teóricas.

Francisco Phelipe Cunha Paz tem a autoria de: *DO “SÓ O ESPAÇO” AO LUGAR DE MEMÓRIA: PRESERVAÇÃO DE BENS CULTURAIS DE MATRIZ AFRICANA UMA QUESTÃO DE “LUGAR”?* A Gira, aqui, “transcende e chega ao Estado, problematizando com instituições e com o próprio pensamento latino-americano”, uma vez que aborda o debate do reconhecimento de bens culturais de matriz africana, por parte do Estado, como patrimônio cultural brasileiro. Em linhas gerais, recupera uma linha histórica de como este moderno/colonial Estado-Nação atuou diretamente para a invisibilização de aspectos culturais das comunidades negras e de heranças africanas na elaboração de uma memória nacional até os anos 1980. Somente sob pressões da sociedade civil, um novo olhar patrimonial e um novo lugar para esses bens culturais têm emergido.

Do mesmo modo em que a Gira transcende seu ambiente de terreiro no texto anterior, no trabalho de Nathalia Vince Esgalha Fernandes, *A RAIZ DO PENSAMENTO COLONIAL NA INTOLERÂNCIA RELIGIOSA CONTRA RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA*, ela alcança suas acusações externas por meio de aprofundar o debate sobre discriminação, criminalização e intolerância religiosas em perspectiva histórica. Estes atos atuais contra os/as praticantes podem ser caracterizados enquanto racismo religioso e podem ser compreendidos em sua formação a partir do pensamento colonial.

Na última seção da Gira, esta ainda se mostra praticamente “inesgotável, pois se confunde com a experiência humana e se mistura a relatos e palavras de estudantes iniciadas”. Ou seja, dois textos livres e fortemente marcados pela personalidade das autoras se juntam aos sete artigos anteriores: *SILÊNCIO TAMBÉM É AXÉ*, por Iyaromi Feitosa Ahualli, e *A EXPERIÊNCIA DE FALAR SOBRE AS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS NA ACADEMIA...*, por Ariadne Moreira Basílio.

Embora encerrada aqui a Gira, sua reverberação realmente não cessa. Suas páginas terminam, mas as trocas e os conhecimentos partilhados com o público leitor seguem em seus benéficos efeitos. Ensinos de diversas ordens atuarão nas consciências individuais e na memória coletiva, trazendo e enxertando várias possibilidades de expansão dos entendimentos e dos sentidos habitualmente dados às religiões e comunidades afro-brasileiras.

Que as próximas Giras cheguem logo! Vida longa à Revista Calundu!

Brasília, 05 de julho de 2017.